

Memória Viva

E Outros Lugares de Memória em Juiz de Fora...



*fia ipa ppa
Aure fia p
ziu Avuu
u wuflig
wofelij
uy. lxi al*

*n, Davit
na miss
uif juiz
Abrepa
vian qu
Madrigu*



Juiz de Fora
Prefeitura



Ficha Técnica

Prefeita Municipal

Maria Margarida Martins Salomão

Secretário Especial de Direitos Humanos

Biel Rocha

SEDH - PJF / Gerente do Departamento de Políticas de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos

Franciane Rabello dos Santos

Autores

Maria Cristina Alves Pereira

SEDH - PJF / Assessora de Políticas para Pessoa Idosa

José Wilson Almeida Macedo Junior

SEDH - PJF / Supervisão

Editorial e Ilustração

Maria Cristina Alves Pereira

Revisão

Mariana Marcon Benicã de Souto

Apoio

Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa (CMDPI / JF)

Secretaria de Comunicação - SECOM - PJF

“O tempo não mata o passado.
O passado fica computado, fica
gravado dentro de nós
absolutamente intacto.”

Pedro Nava
(entrevista de 1983).

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais a todas as pessoas idosas que contaram suas histórias e percepções.

À Equipe Mutiprofissional da Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SEDH), em especial nossa colega Alice Tristão Borboni, que colaborou com as escutas em outubro de 2023.

À Equipe Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) Leste Vitorino Braga.

À Equipe Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) Nordeste Grama.

À Equipe Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) Norte Barbosa Lage - Edson Franco.

À Equipe do Serviço de Atenção à Saúde do Idoso (SASI).

Ao Supermercado Bahamas São Pedro.



SUMÁRIO

Memórias das pessoas idosas.....	6
Projeto Memória Viva.....	9
Parte 1 Fragmentos Históricos de Juiz de Fora.....	11
Parte 2 Memórias de Juiz de Fora em Outros Tempos...32	
2.1 Histórias de Vida.....	34

MEMÓRIAS DAS PESSOAS IDOSAS

Muitos estudiosos já pesquisaram sobre a memória política, econômica, social e cultural de Juiz de Fora. Por conseguinte, desvelam diversas histórias sobre várias pessoas que construíram sua trajetória e vivência na cidade, tais como os imigrantes, os operários, os políticos, os empresários e muitos outros grupos e indivíduos que despontaram ou foram apagados pela história oficial no cenário local. Desta maneira, a história social de Juiz de Fora já foi e está sendo escrita por uma diversidade de mulheres e de homens ao longo do tempo; todavia há pessoas desconhecidas que fazem parte desse processo no território, que circulam na cidade e têm muitas memórias para serem partilhadas.

No intuito de valorizar esses sujeitos anônimos, colaboradores da construção da cidade, nasceu esta iniciativa, que sintetizamos neste trabalho, que encontra-se na essência da oralidade desses indivíduos, hoje pessoas idosas. Esses cidadãos, que, até então, nunca tiveram a pretensão de ser autores, a partir de suas histórias de vida - recolhidas em alguns pontos de regiões de Juiz de Fora - contribuem com suas memórias afetivas, seus olhares e seus sentimentos. Esse produto é um compilado de fragmentos das memórias, que buscam trazer percepções desses moradores que atravessaram os tempos e vivenciaram mudanças nos espaços urbanos da cidade. Nesse sentido, eles nos alertam para os impactos das transformações socioespaciais, do crescente individualismo, dos preconceitos, das dificuldades existenciais e materiais, como também das perdas e dos ganhos ao longo da existência. Por outro lado, eles nos ensinam sobre resiliência, resignificação e esperança nessa etapa da existência.

Portanto, o Projeto Memória Viva acolheu as escutas de 53 pessoas nesta primeira fase, registrando lembranças de pessoas com mais de 60 anos que moram em Juiz de Fora, no intuito de valorizá-las e reconhecer a memória coletiva desse grupo da população. Dentre os relatos, observou-se percepções sobre as mudanças na paisagem e no cotidiano da cidade ao longo do tempo, muitas dessas impactadas por um processo urbano atravessado pelas conjunturas econômica, política e sociocultural. Esse olhar sensível pelos sujeitos idosos foi

detectado por Ecléa Bosi, em sua obra “Memória e sociedade: Lembranças de velhos”, um dos referenciais teóricos deste trabalho. Nesse sentido, aprendemos muito sobre a humanidade que nos habita, que nos inspira a continuar a escutar as pessoas idosas ao longo do território, pois é lá que elas se encontram vivendo e fazendo histórias.

Maria Cristina Alves Pereira
Assessoria de política para pessoas idosas
Secretaria Especial de Direitos Humanos

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria

(Nora, 1998, p.13).

PROJETO MEMÓRIA VIVA

Há o aumento da longevidade da população mundial, e a previsão de que esse processo de transição demográfica continue ao longo do tempo, possibilitando que o país e o estado de Minas Gerais, tal como Juiz de Fora, cheguem até 2060 com mais pessoas idosas do que jovens na sua população. Juiz de Fora apresenta um quadro de constante aumento de indivíduos idosos. E, atualmente, já tem 109.366 habitantes acima de 60 anos, sendo que este número significa 20% do total da população do município, segundo Censo do IBGE de 2022 - demonstrando que a cidade já aparece no 13º lugar do ranking das grandes cidades, com mais de 100 mil habitantes, com maior percentual de pessoas idosas (Ribeiro, 2023).

Esse contexto do crescimento demográfico e seus desdobramentos, mais a discussão do etarismo e suas consequências na sociedade contemporânea, sinalizam para a urgência de valorizar e reconhecer as pessoas idosas que contribuem com a cidade. A Prefeitura de Juiz de Fora - PJF, através da assessoria de política da pessoa idosa na Secretaria Especial de Direitos Humanos - SEDH (criada em 2021), propõe, dentre várias ações, o resgate da memória coletiva, segundo Halbwachs (1990), desse grupo populacional de Juiz de Fora, através do projeto Memória Viva, que se baliza na construção da história da comunidade juizforana a partir da narrativa oral dos sujeitos idosos que ajudaram e ajudam a construir a cidade. Esse projeto ocorre desde outubro de 2023, gradativamente percorrendo o território da cidade até o momento.

Essa ação propõe envolver as pessoas idosas no processo de resgate da memória coletiva de Juiz de Fora, a partir da contribuição de suas histórias de vida. Esse processo se desenvolve na perspectiva de valorizar a oralidade desses sujeitos nos diversos territórios da cidade, escutando-os e registrando os fragmentos de suas lembranças e suas experiências na vida da cidade.

Esse produto propõe colaborar com a produção de conhecimento da memória de Juiz de Fora, possibilitando a construção de arquivo material e imaterial das percepções e olhares dos cidadãos de mais de 60 anos sobre a cidade ao longo do tempo (Lugar de Memória). Portanto, desvendar pessoas idosas nos vários bairros de Juiz de Fora, valorizando-as e reconhecendo-as no seu território.

Pereira *et* Macedo

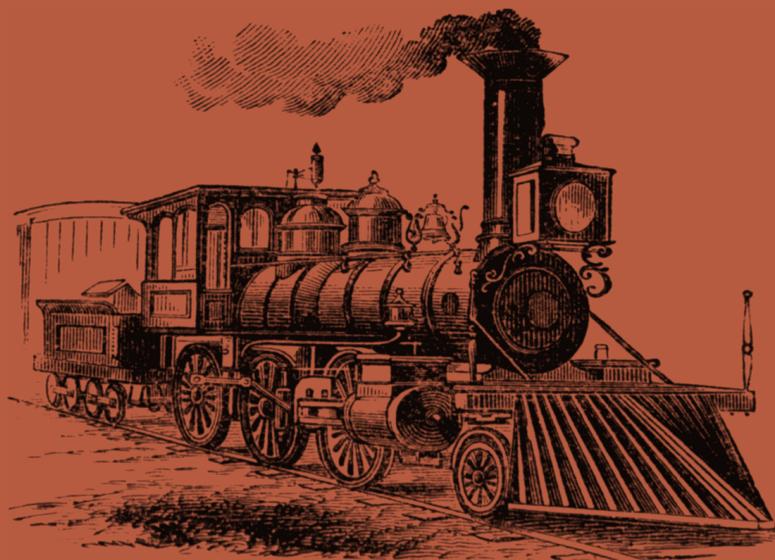
(Trecho do texto “Memória Viva: Percepções e Olhares das Pessoas Idosas sobre Juiz de Fora”. Apresentado no 20 Congresso Internacional Longevidade - Gegop, na UFV, em 2024).

FRAGMENTOS HISTÓRICOS DE JUIZ DE FORA



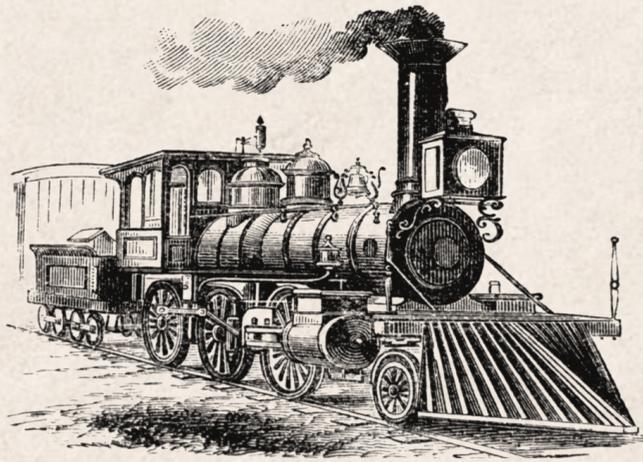
Assim, quando voltamos a uma cidade em que já
haviámos estado, o que percebemos nos ajuda a reconstituir
um quadro de que muitas partes foram esquecidas. Se o
que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de
nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se
adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente. É
como se estivéssemos diante de muitos testemunhos.
Podemos reconstruir um conjunto de lembranças de
maneira a reconhecê-lo porque eles concordam no essencial,
apesar de certas divergências.

(Halbwachs, 2003, p.29).



O trem atravessa a
cidade, tal qual as pessoas
são atravessadas por ele
em suas memórias...

Maria Cristina A. Pereira, set. 2024.



O TREM

Juiz de Fora surgiu às margens do "Caminho Novo", aberto por Garcia Rodrigues Paes em fins do século XVII, ligando Minas Gerais ao Rio de Janeiro. Inicialmente integrado ao município de Barbacena, Juiz de Fora fixou-se enquanto cidade em 1856.

Em 30 de dezembro de 1875, aqui foi inaugurada a estação provisória da Estrada de Ferro D. Pedro II, em terreno adquirido por beneméritos e doado à ferrovia. Nesta mesma data, foram inauguradas as Estações de Espírito Santo, Sobragy, Mathias Barbosa, Cedofeita e Retiro.

A inauguração da Estrada de Ferro D. Pedro II, em 1875, no período do auge da produção cafeeira, consolidou a posição do município dentro da província mineira. Sua implantação se deu no momento em que a Companhia União e Indústria se encontrava deficitária. A ferrovia desempenhou, então, papel fundamental no escoamento do café.

Um ano após a sua inauguração, a Estação de Juiz de Fora já ocupava o quarto lugar em importância na receita ferroviária, sendo precedida somente pela Corte, Porto Novo do Cunha e Cachoeira.

Algumas melhorias urbanas mostram o aceleração da industrialização neste momento. Destacam-se a implantação do telefone, em 1883, do telégrafo, em 1884, do Banco Territorial Mercantil, em 1887 e do Banco do Crédito Real, em 1889. Por ser o mais importante município industrial do Estado de Minas Gerais e por priorizar reformas urbanas, Juiz de Fora recebeu a denominação de Manchester Mineira. A cidade teve na ferrovia significativa marca de progresso, com a circulação de pessoas, de mercadorias e de ideias.

Com o gradativo aumento do fluxo de cargas e passageiros, a administração da Estrada de Ferro inaugurou, em 1905, uma nova Estação, com todos os cômodos necessários ao serviço de tráfego, como uma sala para agência do correio e outra para um botequim, bem como 560 metros de plataforma coberta (Fonte: Funalfa).✎



Estação Ferroviária de Juiz de Fora em 1881. A estação de Juiz de Fora foi inaugurada em 1875. A cidade já existia desde o século XVIII; a estrada de rodagem União e Indústria, aberta seis anos antes e ligando-a à Capital Federal (Rio de Janeiro) e agora a ferrovia, fazendo a mesma ligação de forma mais rápida, trouxeram um grande crescimento à cidade a partir de então. Juiz de Fora ficou mais ligada ao Rio de Janeiro que a Belo Horizonte até meados do século XX; exatamente por isso, a cidade, já uma das mais importantes da Província e do Brasil naquela época, certamente agora teria mais riquezas a receber... Ali chegaram trens de passageiros da Central e depois da RFFSA até 1996, quando o último deles, o chamado Xangai, foi extinto.

Em frente à estação, do outro lado das linhas, existia a estação de Juiz de Fora da E. F. Leopoldina, de onde saíam, de 1884 até 1974, os trens para o ramal de Juiz de Fora, seguindo até São Geraldo, na linha de Caratinga dessa ferrovia.

Juiz de Fora - EFCB

Colorizada por Fabiano Quixaba

Acervo Mauricio Lima Corrêa ([Seleção 141 Blog Maurício Resgatando o Passado](#))👉



Estação de trem da Estrada de Ferro Central do Brasil. Juiz de Fora, MG.
1907.

Acervo Juiz de Fora em imagens (Pinterest).



Praça João Penido (Praça da Estação). Juiz de Fora, MG. s.d.

Acervo Juiz de Fora em imagens (Pinterest).



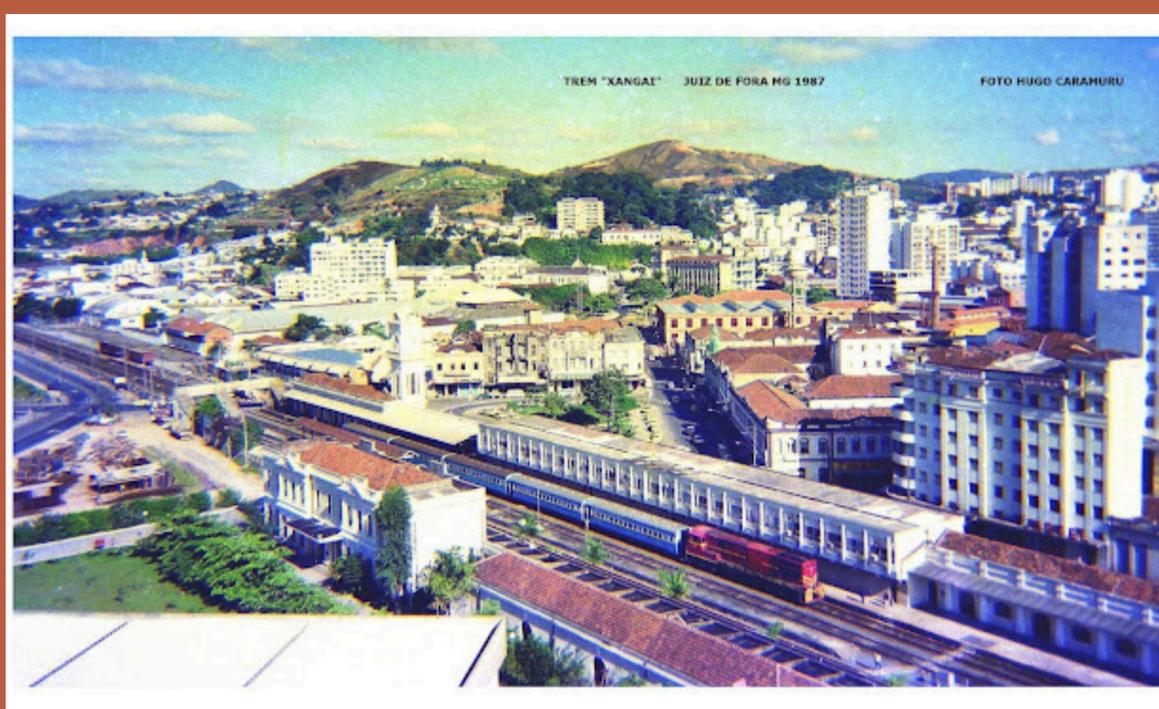
Estação Ferroviária Central do Brasil
Trem Xangai na Plataforma de embarque e desembarque
Provavelmente década de 1970
Acervo Adao Lucio e
Rosania Souza ([Seleção 107 Blog Maurício Resgatando Passado](#)).👉



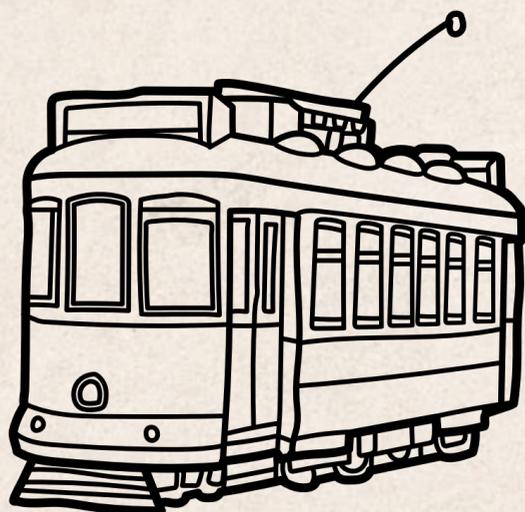
Xangai, trem de passageiros, em março 1977
(Imagem do [Blog Maria do Resguardo](#)).👉



Vista Parcial
 Estação Ferroviária do Bairro Benfica em 1991
 Acervo: Hugo A Caramuru (Seleção Blog Maurício Resgatando o Passado)
 (Seleção 144 Blog Maurício Resgatando o Passado)✎



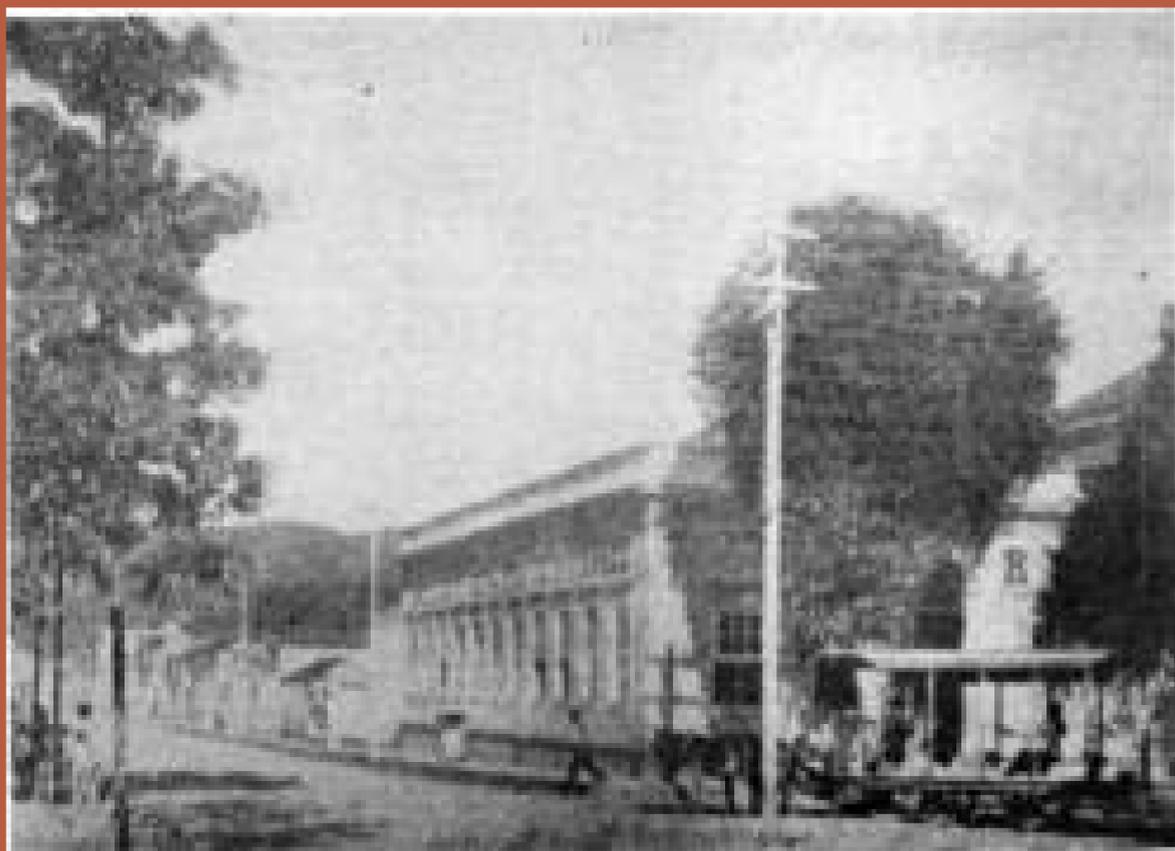
Vista Panorâmica
 Trem Xangai retornado da cidade de Matias Barbosa com destino ao Bairro Benfica
 Estação Ferroviária Central de Juiz de Fora em 1987
 Acervo: Hugo A Caramuru (Seleção Blog Maurício Resgatando Passado)
 (Seleção 145 Blog Maurício Resgatando o Passado)✎



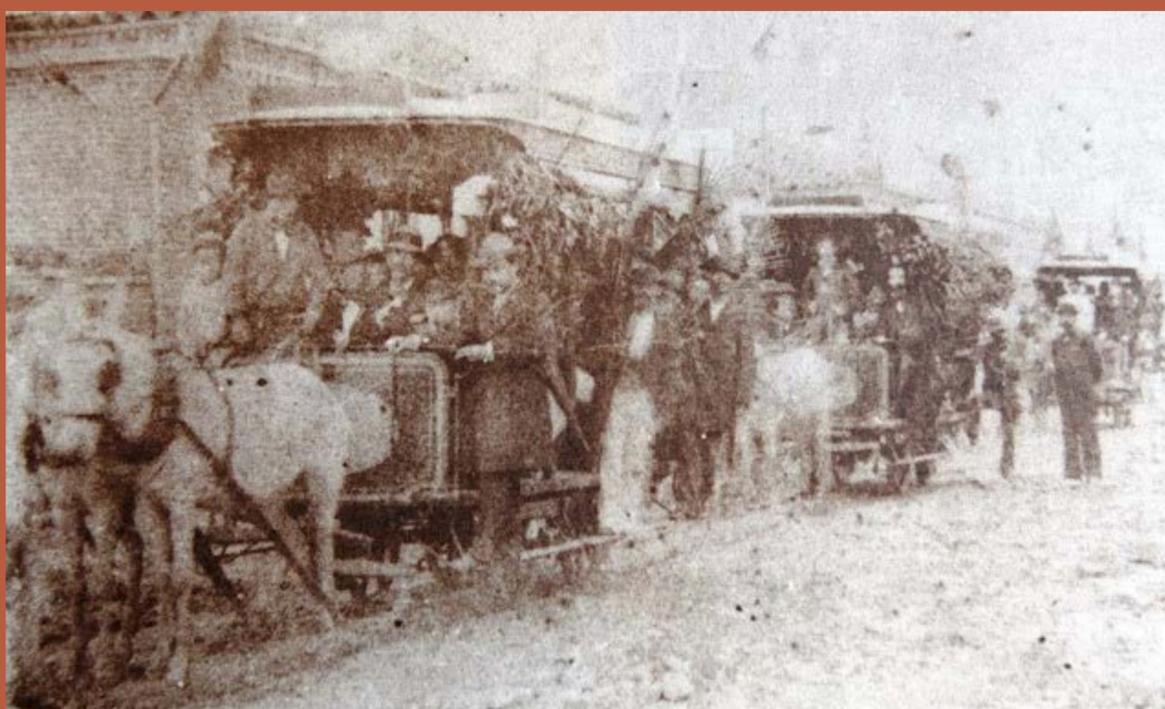
OS BONDES

Juiz de Fora foi a primeira cidade de Minas Gerais a ter bondes, tendo inaugurado a linha com tração animal da Ferro Carril Bonds de Juiz de Fora em 15 de março de 1881. Em 1904, Eduardo Guinle contratou a importação de oito veículos elétricos da firma J.G.Brill, inaugurando o sistema da Companhia Mineira de Eletricidade em 6 de junho de 1906.

Novos veículos foram adquiridos nos anos seguintes e em 1923 foi construída uma nova ponte no rio Paraibuna, permitindo abrir novas rotas para o lado Leste da cidade. O sistema de bondes de Juiz de Fora foi municipalizado em 26/6/1954 e o Departamento Autônomo de Bondes da prefeitura municipal recolheu o último veículo em 4/4/1969 (Fonte: Novo Milenio)✎



Bonde de tração animal entre a Rua Marechal Deodoro e Av. Rio Branco.
Foto: O Lince



Início do Transporte em Juiz de Fora Bondes Tração Animal.
Acervo Mauricio Lima Corrêa
([Seleção Blog Maurício Resgatando Passado](#)) 🖱️



Primeiro bonde montado em Juiz de Fora pela Companhia Mineira de Eletricidade. 15/10/1920.

Acervo [Juiz de Fora em imagens](#) (Pinterest)👉



Última Viagem do Bonde em 10 de Abril de 1969 Gilson Costa comentou: Dia de péssima lembrança. Abriram mão de um meio de transporte de suma importância para a população, em nome do famigerado progresso. Com certeza os mais jovens não têm ideia da importância dos Bondes naquela época. Acervo Mauricio Lima Corrêa ([Seleção Blog Maurício Resgatando o Passado](#))👉

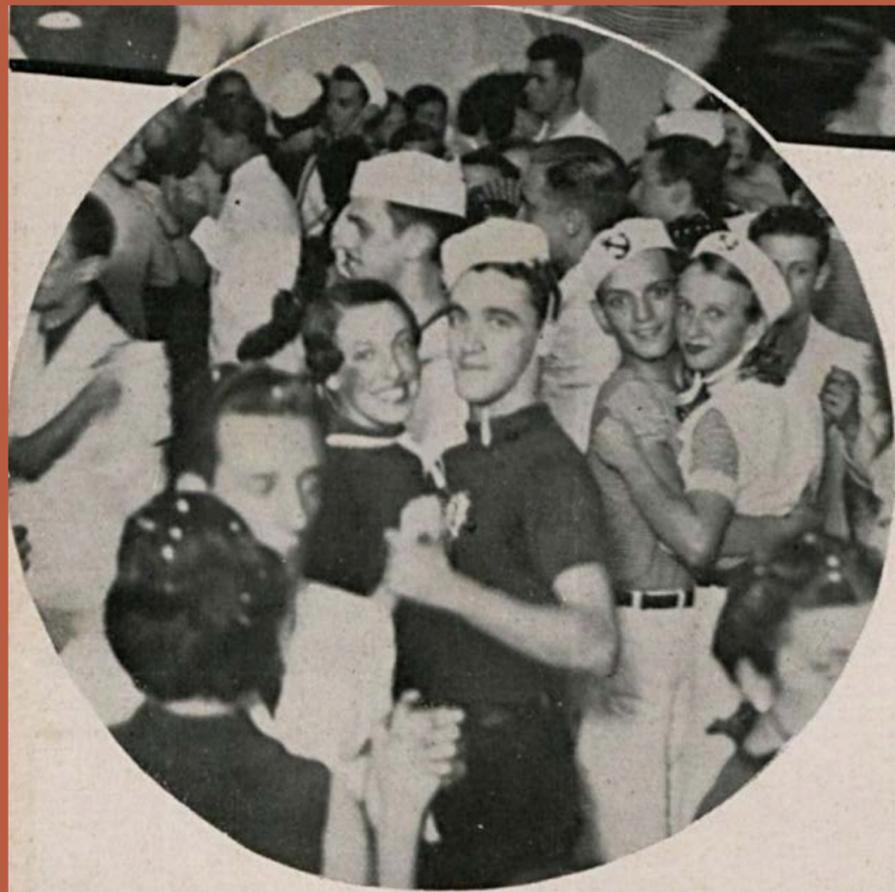


OS CARNAVAIS E OS BAILES

A modernização da “Princesa de Minas” para a “Manchester Mineira” refletiu no festejo. Os confetes, serpentinas e lança-perfume ganharam as ruas em uma nova fase e se tornaram a “cara” do carnaval no calçadão, que dura até hoje.

O Centro da cidade foi considerado o ponto de encontro de toda a Juiz de Fora no início do século XX, principalmente pelos blocos e os tradicionais bailes (Pedro Emerenciano, g1 Zona da Mata — Juiz de Fora 13/02/2023).

!Juiz de Fora de outros Carnavais!: Avenidas lotadas e 'guerras' de espuma no Calçadão, conheça a história da festa. ✨



Carnavalescos

Revista O Cruzeiro

06 de Fevereiro de 1937

Página 20

Arquivo enviado pelo Amigo, Historiador e Pesquisador: Daniel Moratori
([Seleção 208 Blog Maurício Resgatando o Passado](#))✎



Carnaval no Sport Clube Juiz de Fora

Década de 1960

Acervo Simón Eugénio Sáenz Arévalo

([Seleção 185 Blog Maurício Resgatando o Passado](#))✎



Escola de Samba Feliz Lembrança

José Eduardo Araújo Comentou: Foto histórica da Feliz Lembrança, Nancy de Carvalho segurando o estandarte da Escola ao lado de Nelson Silva o maior ídolo da Escola, compositor, sambista e ao lado de José Carlos de Lery Guimarães protagonizou o maior enredo do Carnaval de Juiz de Fora, a "MASCARADA VENEZIANA".

Tinha o pseudônimo nos sambas de quadra de fazia de "Tã no Vidrinho".

Provavelmente década de 1950

Acervo Simón Eugénio Sáenz Arévalo

(Seleção 173 Blog Maurício Resgatando o Passado)✨



Bairro Mariano Procópio

Sede do Marianinho.

Baile de carnaval infantil com cobertura da PRB-3

Década de 1960

Acervo Simón Eugénio Sáenz Arévalo

(Seleção 175 Blog Maurício Resgatando o Passado)✨



Bloco Carnavalesco Domésticas de Luxo na Rua Halfeld em Fevereiro de 1964.
Domésticas de Luxo foi fundado em 1958 pelos amigos Aécio Flávio, Alberto Esteves, Fernando (Mambrico), Genaro Belo, Geninho (Ganha-pouco) e Rwitter Rolland.
O bloco surgiu com apenas seis componentes, já chegou a quase mil e sempre arrastou milhares de foliões pelas ruas da cidade.

Acervo Simón Eugênio Sáenz Arévalo
([Seleção 197 Blog Maurício Resgatando o Passado](#))👉



Avenida Barão do Rio Branco
Desfile da Tradicional Banda Daki arrastando a multidão
Década de 1970
Acervo do saudoso amigo Zé Kodak (In Memoriam).
([Seleção 194 Blog Maurício Resgatando o Passado](#))👉



LAVADEIRAS

Preservação da memória das lavadeiras - Ter pensado nessas histórias fez com que as participantes relembassem a própria vida. “Cada uma digitou suas memórias de infância, pois participaram de alguma forma de todo esse processo de lavagem das roupas. Algumas ajudavam na entrega das trouxas, outras recolhiam roupas nos varais feitos de arame farpado com muito cuidado para não rasgar, algumas ajudavam a jogar água de sabão. Éramos coadjuvantes nessas narrativas de lavadeiras”, conta Claudilene. À medida que tomaram essa narrativa para si, no entanto, passaram a entender bem mais sobre os caminhos que os seus ancestrais traçaram para que chegassem onde queriam. “Se um dia a sociedade fez com que sentíssemos vergonha das nossas histórias, superamos esse momento, e hoje nos orgulhamos dessas histórias de lavadeiras pretas de Juiz de Fora, que se somam a muitas outras nesse Brasil afora”, continua.

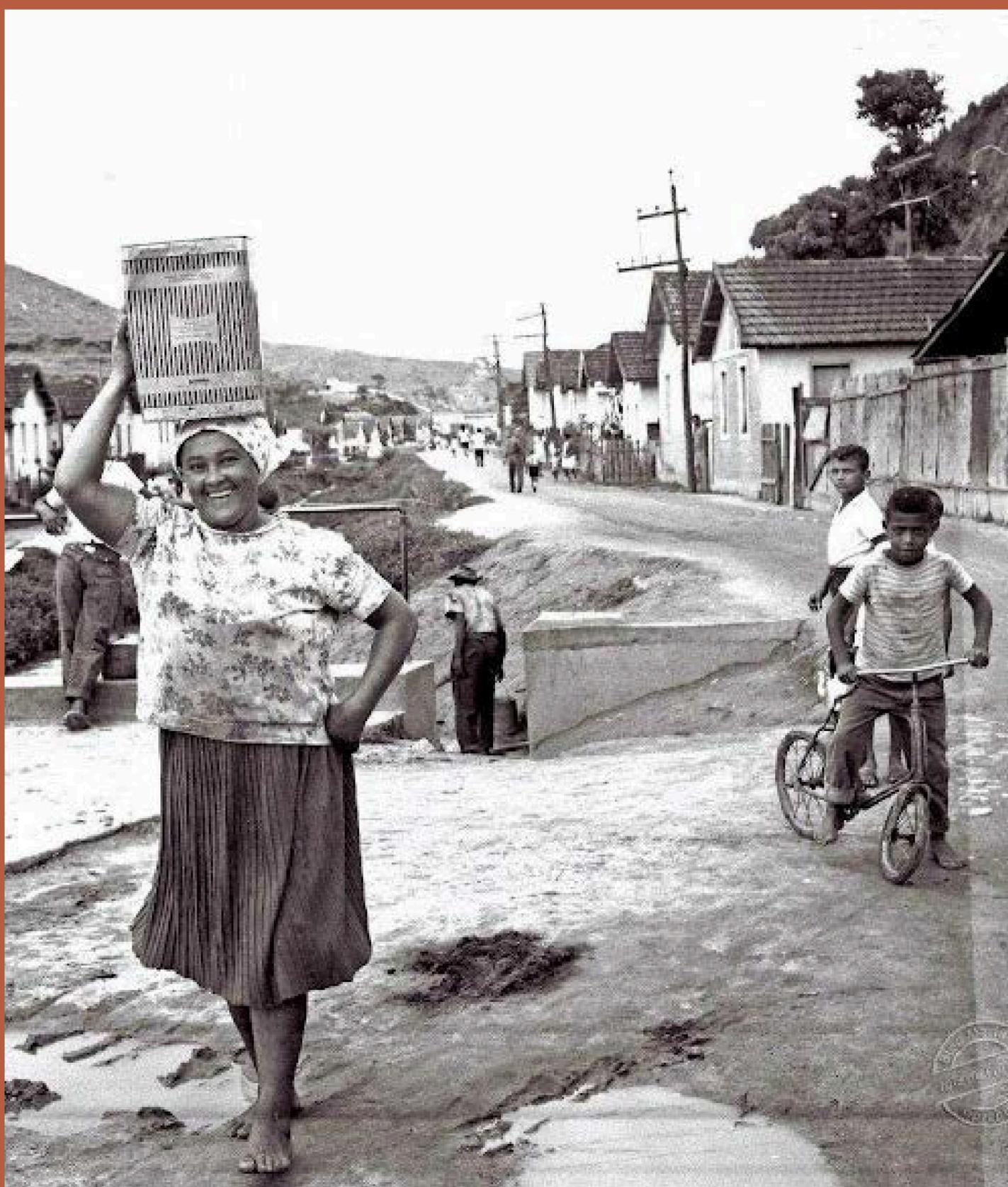
A contação de histórias é fundamental para preservar essa memória, inclusive porque está totalmente relacionada com a forma pela qual as histórias da população afro-brasileira foram perpetuadas. “Contar histórias vem do início civilizatório, dos homens das cavernas, que contavam como tinha sido o dia, onde tinha passado. Compartilhar saberes através da oralidade da contação é um resgate tremendo”, afirma Vanda.

Trecho da reportagem “Grupo Nzinga apresenta ‘Lã nas Minas: contos de lavadeiras” Tribuna de Minas, 19/05/2024.✎

OBS.: Espetáculo viabilizado com recursos do edital Murilão - Programa Cultural Murilo Mendes mantido pela PJE e gerido pela FUNALFA.



Bairro Arado, atual Vila São Benedito
Novembro de 1974
Acervo Roberto Dornellas ou Jorge Couri
([Seleção 27 Blog Maurício Resgatando o Passado](#))👉



Bairro Santa Luzia

Rua Ibitiguaia

Data provável final da década de 1950

Acervo Roberto Dornellas

(Imagem 09 Extraída do [Blog Maria do Resguardo](#))👉



PRAÇAS, JARDINS E QUINTAIS

Foi interessante observar, dentre os muitos relatos, que há uma saudosa menção ao contato com a natureza e aos vínculos estabelecidos a partir dessa relação. No intuito de subsidiar reflexão, e ainda valorizar essa temática nas lembranças, trazemos esses trechos abaixo, da notícia de um trabalho de pesquisa realizado pela professora Ana Barbosa (Arquitetura e Urbanismo da UFJF):

“O jardim, a horta ou mesmo áreas vazias permitem que a água se infiltre no solo, contribuem para a formação de corredor ecológico para a fauna, trazem conforto ambiental e podem remeter a vínculos afetivos, históricos e de identificação das pessoas com o bairro ou a cidade. ‘Só há vantagens em mantê-los’, sintetiza Ana Barbosa. Ressalva, no entanto, que o projeto paisagístico não é estanque, transforma-se no decorrer da história. Ao mapear os quintais, ‘é possível requerer contraponto ambiental quando for preciso adensar uma área’.

“A transformação de trecho próximo ao Parque Halfeld, no fim do século XIX e na atualidade. ‘Percebe-se que as áreas caracterizadas como quintais, aquelas não edificadas nos lotes ou quadra, são significativamente reduzidas em relação à sua origem. Essa realidade evidencia a importância da permanência delas, tanto para a qualidade de vida das pessoas que habitam e circulam na região, quanto para a manutenção desses espaços em suas diferentes relações para as gerações futuras, colaborando para uma adequada conservação urbana’.”

Trechos da reportagem “Estudo mapeia quintais de Juiz de Fora e compara situação ao longo de 163 anos” UFJF Notícias, 15 de abril de 2016. ✨



Praça Jeremias Garcia, bairro Benfica. Final da década de 1970 ou princípio da década de 1980 (foto autoria provável: Emanuel Silva ou Teixeira Neto).
(Seleção Blog Maria do Resguardo em 13 julho 2012)



Dê na praça de Benfica em 1983. Aqui bem no centro da Praça Jeremias Garcia onde havia um belíssimo Flamboyant, onde hoje temos uma quadra de esporte.
([Matéria Especial Benficanet - 29/05/2019](#))👉

The background of the page is a faded, sepia-toned photograph of a street scene. In the upper right, there are several utility poles with cross-arms and wires. Below them, a building with multiple windows is visible. The windows appear to have some items hanging or displayed inside. The overall tone is historical and nostalgic.

**MEMÓRIAS DE
JUIZ DE FORA EM
OUTROS TEMPOS**

“Contar histórias sempre foi a arte de contar de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perdeu porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grave nele o que é ouvido.”

(Benjamin, 1994. pág. 205).

2.1 HISTÓRIAS DE VIDA

O Projeto Memória Viva está em andamento, tendo como resultado preliminar vários relatos pessoais, que carregam várias falas, ora atravessadas por diversas memórias alegres, ora de muitas tristezas, com desabafos de perdas, mudanças, dificuldades pessoais, entre outras questões que podem perpassar por uma existência, as quais pertencem ao momento da escuta, não devendo ser explicitada nessa produção.

Há o reconhecimento da ação pelas pessoas idosas escutadas e acolhidas até o momento. Dentre as narrativas orais recolhidas, observou-se que os indivíduos, os nascidos no município ou não, que todos têm afeto pela cidade. Nesse sentido, **Amarantino** (Grama) mencionou “gostar muito de Juiz de Fora... É maravilhosa! Juiz de Fora funciona bem”. Enquanto para **Aurenice** (Jardim Glória), “Juiz de Fora é uma cidade boa!... Tem várias opções... Tem espaço para estudar... Todavia, até hoje, acho difícil a oferta para trabalho”. Já para **Jorge** (Bosque dos Pinheiros) a “JF não é mais provinciana, mas tem ares de interior... qualidade de vida... Tem muita coisa boa! Temos muitos bairros... a cidade está crescendo!!!”

É essas pessoas idosas reconhecem as mudanças urbanas e as transformações socioespaciais, que impactaram e impactam sua existência e da comunidade. Estão dentre as mais recorrentes e nostálgicas lembranças: a paralisação do trem urbano, nomeado como “Xangai”, que além de prestar serviço de transporte urbano, para a maioria era também o mais importante entretenimento, cheio de memórias afetivas, pois havia os passeios das famílias nos finais de semanas. Dentre os relatos, ressaltamos as lembranças de **Luis Carlos** (Santa Terezinha) “Meu pai era ferroviário... Eu era moleque... Eles paravam a máquina lá (parada em Matias Barbosa)... O maquinista perguntava sobre frutas (frutas da época, tipo banana)... Eu ficava olhando o trem no sinal... Isso foi entrando na minha cabeça... Daí veio o desejo de ser maquinista” (Contou história do serviço de trem da época). Enquanto para **Geraldo** (Industrial) significava o passeio com os filhos “Eu levava muito o T. e o E... pegando Xangai em Benfica indo até Matias Barbosa. As famílias tinham costume... Bom demais!! Eu peguei bonde no finalzinho. Esse período era mais humanizado!!!”.

Outra memória comum é o uso e a circulação dos bondes, sendo que para alguns destes entrevistados, o fechamento do sistema de bondes em 10 de abril de 1969 os marcou. Segundo **José Carlos** (Bosque dos Pinheiros) “Andei muito de bonde (...) Me lembro da fábrica da Coca-cola, carregava almoço para o pessoal que trabalhava lá”. Já para **Luiz Carlos** (Santa Terezinha) “Quando eu cheguei em Juiz de Fora, devido ser do exército, não pagava o bonde. E o Xangaí também... Eu vivia fazendo viagem de bonde!”. Já para **Wilson** (Benfica) “Oh, tempo bom! Os bondes atravessavam a cidade”.

Outros relataram a participação nos bailes e nos carnavais “antigos” da cidade, também nas festas religiosas, entre outras memórias que surgiram em meio as escutas. De acordo com **José Carlos** (bairro Paineiras) “No carnaval tinha o curso, carreatas de carros alegóricos de carnaval saía da rua Halfeld e ia para a rua Marechal. Os carros eram abertos e enfeitados. Lança-perfume era vendido igual confete. Tinha batalha de confete em frente ao Cine Theatro Central. O calçadão ficava lotado de gente. No prédio em frente ao Theatro Central funcionava um bar Salvaterra e ficava cheio de mesinhas e cadeiras na calçada... Tinha festa matiné dentro do Theatro Central...”. Segundo **Gilda** (Grama) “O bairro tinha forró, era mais movimentado, tinha jogo de peteca na praça, vôlei... Tudo isso acabou!”. Enquanto **Marco Antônio** (Nossa Sra. das Graças) sinaliza que “Juiz de Fora é uma cidade comercial. Eu lembro da cultura de Juiz de Fora... Havia cinema.. matiné... Eu gosto de diversão!..”. E **Jorge Luiz** (Bosque dos Pinheiros) destaca que “Juiz de Fora era Pacata e provinciana até anos 80... Anteriormente, descia carro na Halfeld... Ali tinha uma tradição, tocava sirene por volta de 12 horas, daí as pessoas iam almoçar... Na véspera de ano novo tinha chuva de confete na virada do ano junto com sirene... Em frente da Loja Americana tinha Rádio Industrial e Difusão, com rádio falante com as notícias 09, 12, 15 e 18 horas..”. Enquanto **Maria Lúcia** (Araujo) lembra que “já existiu um alto falante na Praça de Benfica que a população podia pedir música pro locutor. E ficava gente na praça até 2h da manhã. Hoje em dia se der 22h já não fica quase ninguém”. Para **Mirtes** (Bom Pastor) “Juiz de Fora era mágico! Essa cidade era mágica! Eu vivi nas campanhas beneficentes em Santa Terezinha (...) Tinha festas nas ruas (...)”.

Por outro lado, há o incômodo pela redução de áreas verdes, tais como as

praças, os jardins, os quintais e as hortas, pois esses espaços são atravessados pelas memórias da convivência, dentre elas as brincadeiras, as peladas etc. Inclusive, há muitas lembranças das suas mães e seus vizinhos trocando frutas, verduras e conversas - além de partilharem esse convívio, se apoiavam nas horas dos nascimentos das crianças, da criação dos filhos, da lavagem de roupas, entre outras atividades. Segundo a maioria, ainda no convívio social, havia mais “cuidado e o respeito uns com os outros”, ao contrário da prevalência do individualismo na atualidade - pois manifestaram sobre o distanciamento e o afastamento dos familiares e dos amigos, sendo que a “modernidade” trouxe a redução do convívio, gerando o afastamento da vizinhança, entre outras percepções.

Nesse sentido, **Vilma** (Aracy) conta “Minha mãe e as vizinhas lavavam roupa... Elas eram muito parceiras... Elas tinham convivência... Tornaram-se amigas lavando roupas... Elas traziam café e quitandas, trocavam e compartilhavam lanche...”. Segundo **José Carlos** (Paineiras) “No passado as ruas do bairro eram de pedra, os potes de madeira, com luz escura. Às 18h não havia mais ninguém na rua... Tinha mais casa que prédio. As casas tinham quintal, as pessoas sentavam nas calçadas para conversar”. Já **Wilson** (Benfica) menciona “antigamente, as mães e as vizinhas, uns ajudavam um ao outro... Tinha mais convivência!...” e destaca “Os animais ficavam soltos antes... As casas tinham quintal... Na minha casa tinha verduras e frutas. Eu vendia elas naquela época... Hoje, com todo mundo construindo... Estamos acabando com os canteiros!... As pessoas são muito culpadas... Muita sujeira! (...)”. **Zezinho** (Vila Esperança) salienta “o homem cimentou e asfaltou o mundo!” e deixa-nos um alerta “As pessoas estão mais tristes!!!... Eu pelo menos, tenho uns 50 anos aqui... As pessoas estão entristecendo... As pessoas não conversam mais!!... As pessoas mudaram as falas.”

Apesar de reconhecerem melhorias de bens e serviços ao longo do tempo, na maioria das regiões há reivindicação por implementação de novos equipamentos urbanos e/ou melhorias de infraestrutura urbana, mais atividades esportivas e socioculturais nos bairros, como também mais “respeito” com as pessoas idosas.

No início das escutas havia uma certa resistência em manifestar-se, mas de-

pois de mencionarem as lembranças iniciais, demonstraram e relataram que se sentiram acolhidos ao longo do processo da escuta. Dentre os relatos, algumas pessoas se emocionaram durante a narrativa oral, lembrando de fatos em suas vidas, do(s) trabalho(s) que exerceram na cidade etc. Muitos manifestaram contentamento por ter esse momento de escuta, o quanto foi bom falar de suas lembranças e histórias pessoais, que achavam “legal” da ação estar acontecendo na sua região.

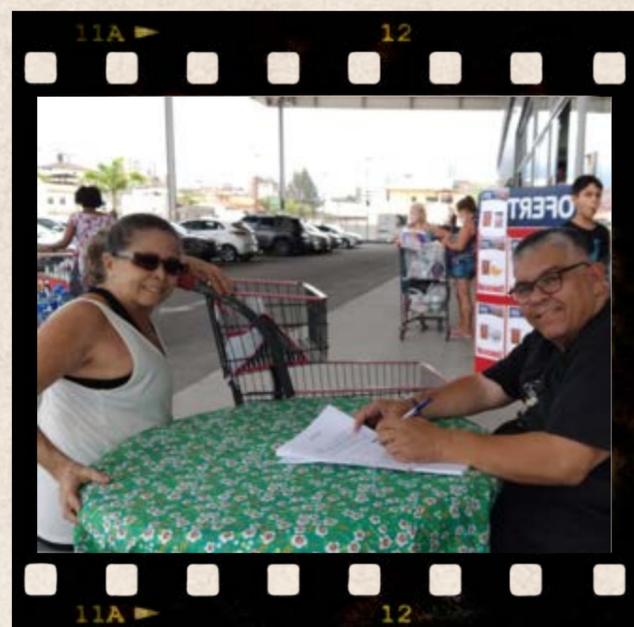
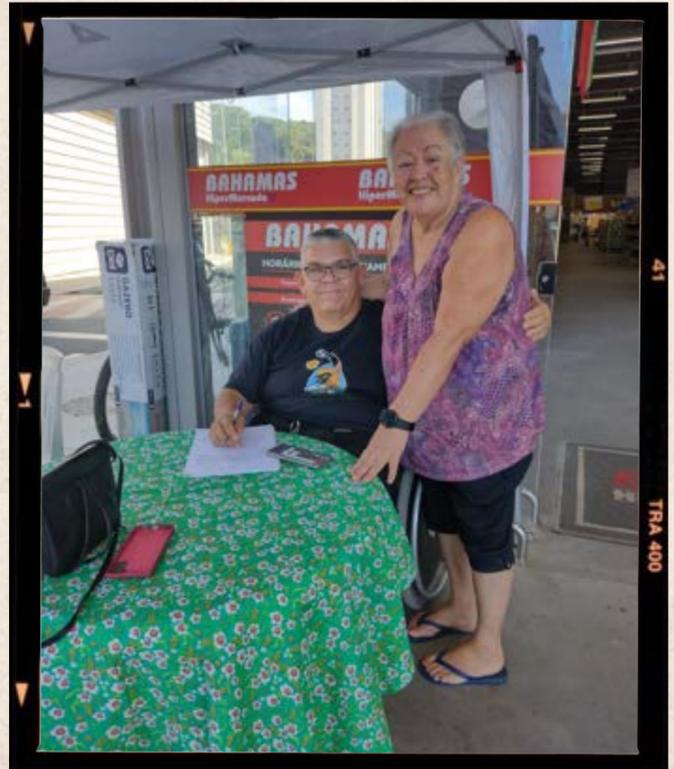
Praça João Pessoa
Centro
04/10/2023.



Praça Jeremias Garcia
Benfica
11/10/2023.



Bahamas
São Pedro
30/01/2024

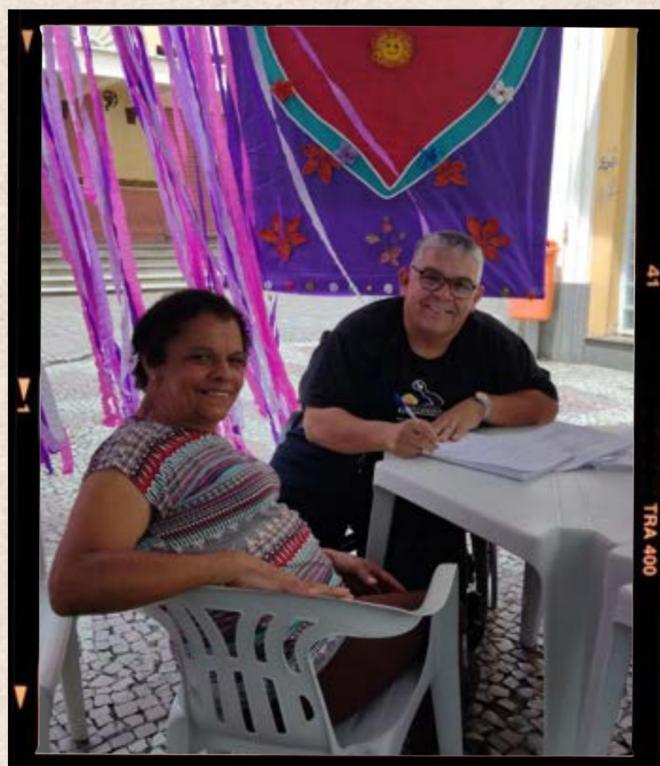
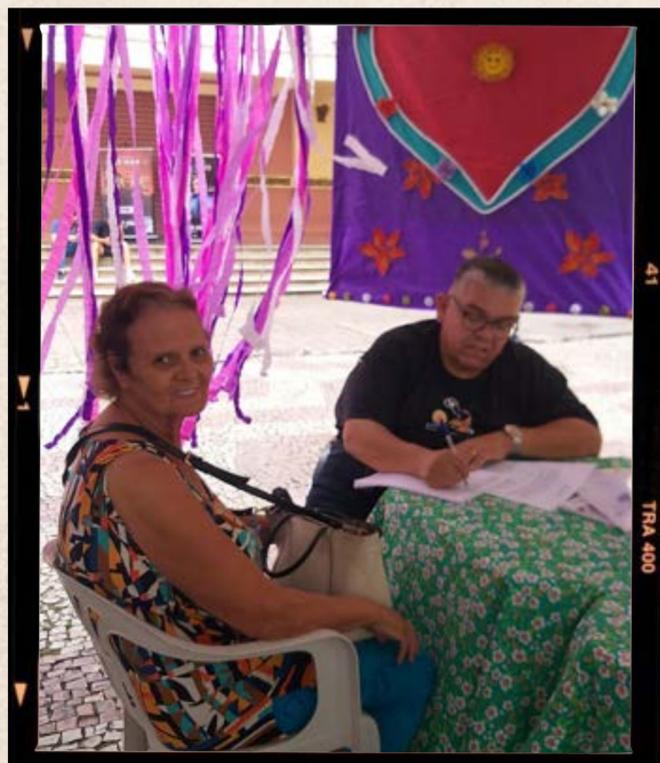


Serviço de Atenção à Saúde
do Idoso (SASI)

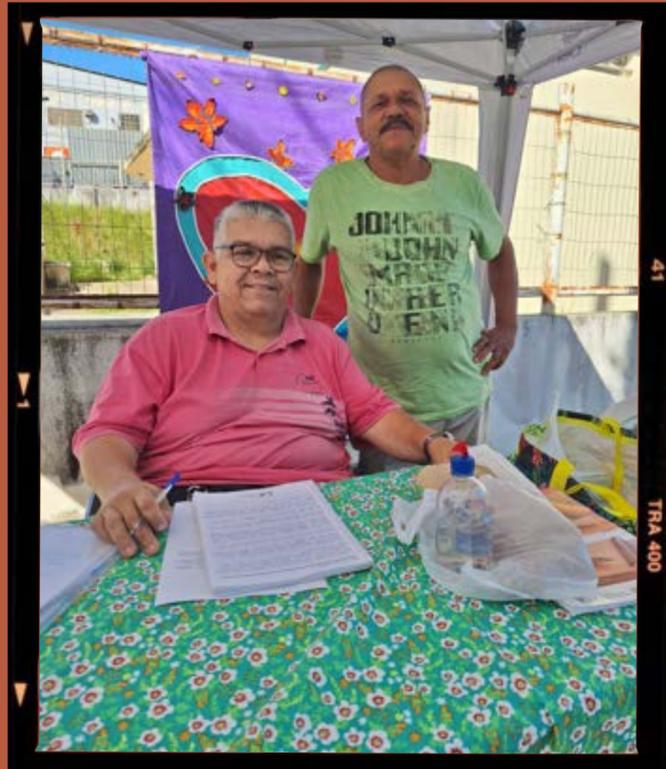
28/02/2024



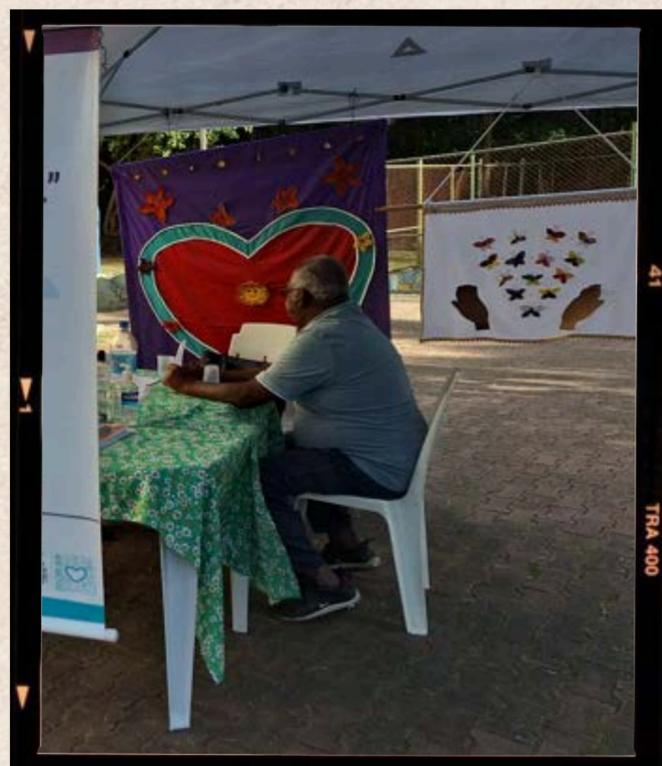
Dia Internacional da Mulher (8M)
Praça João Pessoa
08/03/2024



Praça Áureo Gomes Carneiro, s/n
Grama
13/05/2024



Rua Manuel Joaquim Tavâres
Jardim do Sol
20/05/2024



Rua Antônio da Silva
Barbosa Lage
19/06/2024



Como mencionado anteriormente, as histórias de vida das pessoas idosas moradoras de Juiz de Fora são construídas através da narrativa oral desses sujeitos nos diversos territórios da cidade. Ao escutá-los e registrar esses relatos de suas lembranças e de suas experiências na vida da cidade, estamos descobrindo nuances desse cotidiano vivido.

Este produto colabora com a produção de conhecimento da memória da cidade, possibilitando a construção de arquivo material e imaterial das percepções e olhares dos cidadãos de mais de 60 anos sobre a cidade ao longo do tempo. Portanto, desvenda as pessoas idosas e seus saberes nos vários bairros de Juiz de Fora, valorizando-as e reconhecendo-as a partir do seu território.

Pereira *et* Macedo

(Trecho do texto “Memória Viva: Percepções e Olhares das Pessoas Idosas sobre Juiz de Fora”. Apresentado no 20 Congresso Internacional Longevidade - Gegop, na UFV em 2024).

“...o passado e o presente não são coisas estáveis tornados impenetráveis pela memória que arruma e desarruma as cartas que vai embaralhando. O passado não é ordenado nem imóvel – pode vir em imagens sucessivas, mas sua verdadeira força reside na simultaneidade e na multiplicidade das vistas que se disponibilizam, se desarranjam, combine-se umas às outras e logo se repelem, construindo não um passado, mas vários passados.”

(Nava, BC. pág. 287)



no caminho...
para continuar

Referências:

Imagens:

Arquivo Público Municipal de Juiz de Fora. Capa - Vista Parcial de Juiz de Fora.

Blog Maurício Resgatando o Passado: A História de Juiz de Fora. **Trens e Ferrovias com 194 Fotografias**. Disponível em:

<http://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com/2016/02/ferrovias-o-fotos.html>

Blog Maria do Resguardo. Disponível em: <https://www.mariadoresguardo.com.br/>

BONDES NO BRASIL - Juiz de Fora/MG. Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/santos/bonden18.htm>

Centro Oeste Brasil: Memória histórica da EFCB. Disponível em: <http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/estrada.de.ferro.central.do.brasil/memoria-historica-1908/0169-estacao-de-Juiz-de-Fora.shtml>

Juiz de Fora em imagens (Pinterest). **Primeiro bonde montado em Juiz de Fora pela Companhia Mineira de Eletricidade**. 15/10/1920. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/51650726953857239/>

Portal Jfminas. História dos Bondes em Juiz de Fora. Disponível em: <https://www.jfminas.com.br/portal/historia/historia-dos-bondes-em-juiz-de-fora>

Selo 100 Anos Hidreletrica de Marmelos Energia Eletricidade Juiz de Fora 1989

Selo Centenário de Juiz de Fora Brasao 1950.

Referências:

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica**. Em: *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas vol.1*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 184.

BOSI, E. (2003). **Memória da cidade: lembranças paulistanas**. Estudos Avançados, 17(47), 198-211. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9910>

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf 26 de maio de 2024.

Entrevista realizada com Pedro Nava em 11 de maio de 1983 por Ricardo Corrêa Barbosa, publicado na Revista Isto É e reproduzido no suplemento Especial de D'Lira, nº 2 - Juiz de Fôruns.

PEREIRA, Maria Cristina A.; MACEDO JR, José Wilson A. **Memória Viva: Percepções e Olhares das Pessoas Idosas sobre Juiz de Fora**. 20 Congresso Internacional Longevidade - Gegop. Eixo temático: Cidades e contextos na promoção do Envelhecimento Saudável. UFV, Viçosa, 2024.

NAVA, Pedro. **Balão Cativo: memórias** 2. 3 ed. Rio de Janeiro: J. Olimpio, 1977.

RIBEIRO, Luiz Cláudio. **A transição demográfica no Brasil e o processo de envelhecimento populacional**. Palestra do seminário "Crescimento da população idosa: perspectivas e desafios". Prefeitura de Juiz de Fora: Juiz de Fora, 29/11/2023.

Maria Cristina Alves Pereira

Mestre pelo PIPAUS/UFSJ, com formação e atuação em Psicologia desde 2000. Especialista em Saúde Pública (UFJF) e Arteterapeuta (Integrarte BH). Graduou-se também em Arquitetura e Urbanismo pela UFSJ. Atualmente, está vinculada ao grupo de pesquisa A. T. A. (UFSJ) e grupo LEIA (UFBA), onde realiza pesquisa sobre as transformações socioespaciais mediada pela fotografia. Atua como assessora de política para pessoas Idosas na Secretaria Especial de Direitos Humanos - SEDH na Prefeitura de Juiz de Fora - PJJF. Trabalhou em gestão pública de saúde, no desenvolvimento urbano e meio ambiente. E, nos últimos tempos, também executa oficinas de arteterapia na Casa da Mulher. Além de organizar e elaborar gestos fotográficos em torno da discussão da afetividade, da memória e dos espaços urbanos. É membra da Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos - REBEDH e conselheira no Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa - CMDPI.

José Wilson Almeida Macedo Junior

Formação em Serviço Social pela Universidade Norte do Paraná - UNOPAR; Servidor Público. Atualmente, Supervisor de Apoio às Coordenações Temáticas do Departamento de Políticas para Promoção dos Direitos Humanos - DPDH da Secretaria Especial dos Direitos Humanos - SEDH da Prefeitura de Juiz de Fora. Membro titular da Comissão Permanente de Acessibilidade - CPA; Conselheiro Suplente do Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência.